



Mãe transforma luto pela morte do filho em projeto solidário na periferia de São Vicente

Dona de ferro-velho distribui alimentos e garante cestas básicas no Natal para centenas de pessoas na comunidade da Ilha do Bugre.

Por Isabela Madeira e Yasmin Vilar*

08/09/2019 06h28 · Atualizado há um dia



Elenice Castilho criou o projeto Viva Léo após assassinato do filho, há dez anos — Foto: Arquivo Pessoal

A comerciante Elenice Castilho aprendeu que ser solidária é a melhor maneira de lidar com a dor pela perda do filho Leonardo, assassinado na véspera de Natal, há dez anos. Como ela mesma diz, transformou “o luto em amor”, e criou o projeto ‘Viva Léo’, uma iniciativa que combate a fome e ajuda famílias carentes da comunidade da Ilha do Bugre, na periferia de São Vicente.



Elenice não esquece o dia 24 de dezembro de 2009, quando Leonardo, de 28 anos, foi morto em um salão de cabeleireiro, no bairro do Sambaiatuba. “O assassino não queria o Léo, e sim um outro rapaz que estava lá. Mesmo assim, meu filho também levou um tiro”, conta a mãe.

Foi na missa de um ano da morte de Leonardo que Elenice decidiu fazer do luto um gesto de solidariedade. “Eu perguntava para Jesus o que faria com todo aquele carinho e preocupação com o meu filho. Foi aí que vi vários Léos na Ilha do Bugre”, diz. Assim, ela começou a mudar a rotina da comunidade.



O projeto na Ilha do Bugre teve início com um café da manhã numa véspera de Natal na comunidade — Foto: Arquivo Pessoal

Foi então que notou as pessoas guardando parte da comida e disputando as sobras. Ao perguntar sobre o destino dos alimentos, ficou surpresa com a resposta de um menino. “Ele disse tia, esta é a nossa ceia”, relembra.

Em uma ocasião, ela entregou uma sacolinha, e a criança pediu para trocar o brinquedo por uma cesta básica. “Eles não vivem a pobreza, e sim a miséria”.

Há oito anos, o projeto Viva Léo é responsável por presentear cerca de 150 crianças com sacolinhas de Natal e atender mais de 100 famílias com uma cesta básica e um frango para a ceia. Elenice afirma que não tem apoio do poder público, e explica que todo ano é uma luta para manter o projeto vivo, já que conta apenas com o apoio de pessoas que confiam em seu trabalho e conhecem sua trajetória.

“Tiraram a vida do Léo, mas não tiraram a alma dele de mim”, diz. “Eu sei que, onde ele estiver, está orgulhoso. Estou mantendo o meu filho vivo”.



No Natal, o projeto Viva Léo atende mais de 100 famílias com cesta básica e um frango para a ceia — Foto: Arquivo Pessoal

Dona de um ferro-velho localizado no coração da favela da Ilha do Bugre, Elenice Castilho, 63 anos, encara a realidade da comunidade diariamente. Durante o expediente, costuma receber bilhetes com pedidos para colocar nomes de crianças, de zero a onze anos, na lista de final de ano.

Além da festa de Natal, Elenice e a mãe, de 83 anos, preparam cerca de 50 porções de sopa toda segunda-feira. A comida é distribuída entre moradores de rua. Caixas de leite viram recipientes térmicos, e garantem que o alimento permaneça quente ao ser entregue.

Os maiores problemas da comunidade, diz Elenice, são a criminalidade, a falta de saneamento básico e a ineficiência dos órgãos públicos em trazer melhorias para a região. “A Ilha do Bugre é outro mundo. Aqui tem outras leis e outras formas de ver o mundo. As autoridades e a sociedade se escondem, e todo mundo finge que não vê”, comenta.

Por isso, ela afirma que tenta ajudar como pode quem procura por ela. Conhecida no bairro como tia Nice, acompanha o crescimento das crianças da comunidade. Algumas, diz, crescem e se tornam pais e mães de família com a vida estável. Outros optam pelo mundo das drogas e da criminalidade.



Entre os moradores que acreditam no trabalho de Elenice está Doraci Cristina Silvestre, de 38 anos. Ex-usuária de crack, ela afirma que a dona do ferro-velho foi a grande responsável por ajudar a reconstruir sua vida.

“Eu morei na rua durante muitos anos e usava pedra”, diz Doraci.

“Quando engravidei, tive que dar um jeito nas coisas, e era com a tia Nice que eu deixava o dinheiro para as fraldas, porque ela sempre confiou na minha recuperação. Ela me deu comida e carinho”.

Hoje, Doraci trabalha na cooperativa, e está longe das drogas há três anos. “Moro no meu próprio barraco com meu filho”, relata, emocionada.

**Sob supervisão de Alexandre Lopes.*